



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

JOÃO SCHUBERT



Vem se tornando comum nas ruas de Juiz de Fora, principalmente no Centro, crianças e adolescentes pedindo dinheiro e comida para os pedestres. É preciso que a Prefeitura tome providências para evitar situações como esta.

Em baixa

O mês de abril, mesmo ainda estando pela metade, permite prever que pode se tornar um dos piores para o comércio. As vendas estão em baixa em todos os setores, exceção apenas para as casas de chocolate e confeitos, por causa da Páscoa. Ouvem-se muitas queixas nas lojas que trabalham com artigos masculinos.

Prostituição

A nota toma por base observação feita por leitores que, por razões diversas, passam pelas ruas centrais altas horas da noite. Trata-se da frequência de menores ou que, mesmo não o sendo, têm toda aparência de jovens desprotegidos, sem qualquer experiência na vida, e já estão nas rodas de prostituição. É preciso que se tome providência, e isso não é difícil. Os locais são os de sempre: Praça da Estação, Mergulhão, Hipólito Caron e parte baixa da Floriano Peixoto.

Olhar para a infância

Não se pode negar que temos obtido alguns progressos na luta para ampliar a duração da vida, e mesmo que muitos fatores concorram para frustrar tal objetivo, pode-se, em média, viver mais e melhor. No Brasil, as estatísticas, até onde elas podem ser confiáveis, admitem-se os 72 anos de longevidade. O mesmo, contudo, não se pode dizer da mortalidade infantil, mesmo que também aí os números se mostrem reveladores. Ocorre que os dados animadores têm sido obtidos apenas nas regiões mais ricas, e isso fica longe de revelar a realidade nacional.

Ocorreu-me de fazer tal comentário ao ver, em um dos mais recentes relatórios de or-

ganismos do governo ligados à área, que entre 1960 e 2008 o índice de mortalidade infantil caiu 64%. Explicando melhor, nosso progresso nesse campo foi de 1,5% ao ano. Muito pouco. Analisado o percentual, à primeira vista pode parecer um grande feito, significativa conquista. Mas é preciso considerar que gastamos quase meio século para reduzir pela metade um mal que se combate com programas educativos e atendimento mais cuidadoso à maternidade. Não há como justificar tanto tempo para se atingir um objetivo, que outros países, alguns até mais carentes que o nosso, conseguem em duas décadas.

Isto posto, é possível

detectar alguns aspectos instigantes. O primeiro é que devia caber mais aos municípios, certamente com o aporte de recursos federais, as iniciativas de controle pré-natal, pós-parto e amamentação. Porque a assistência à gravidez e a proteção ao nascituro são questões que jamais conseguem sensibilizar suficientemente os gabinetes em Brasília. Mães e filhos são gente do município, não da União. Outro detalhe é que devíamos investir mais na orientação dos pais. Posso estar enganado, mas percebo que a educação tem se preocupado muito mais em mostrar como os filhos não devem ser concebidos, e menos com os que já vão nascer.

O.P.

Reciprocidade Pesquisa

Os proprietários de bens imóveis tombados têm isenção do IPTU, por força de lei e como forma de compensá-los pela preservação. Ocorre que em uma rápida visita aos locais onde se encontram esses imóveis, podem ser observados casos em que a conservação não está sendo levada a sério. Quando isso ocorre, o bem se degrada pela força do tempo.

Seria ideal que os órgãos competentes da municipalidade promovessem um levantamento desses bens descuidados.

A Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal já celebrou novo projeto de pesquisa com a Cemig, para analisar as interações entre o consumo de energia em Minas e as atividades de setores econômicos dentro e fora do Estado. Justifica-se, pois a Cemig é responsável por 12% do mercado nacional de energia elétrica.

A previsão é que sejam criadas novas bolsas de pesquisa, gerando oportunidades de trabalho para alunos da graduação e do mestrado em Economia.

Luto

Os desportistas registraram, com pesar, a morte do que foi considerado entre os maiores jogadores de todos os tempos na cidade. Trata-se de Eloir, ponteiro esquerdo do Sport na década de 70 e grande artilheiro.

Como pode o Sport não ter feito nada por Eloir?, que morreu como um mendigo pelas ruas da cidade de Guidoval.

Não é a primeira vez que os clubes de futebol da cidade esquecem totalmente de seus velhos ídolos.

Com a Redação